

Brasília, Capital do Poder.

Capital? Ela é mesmo o Poder!

Gutenberg: Aqui nascem a força e a desgraça

O Rio de Janeiro demorou um pouco para perder sua hegemonia, mas hoje, realmente, é uma cidade que governa apenas boatos, enquanto São Paulo - caixa de repercussão das decisões nacionais - aceita e até industrializa o fato de o Poder haver se deslocado, efetivamente, da Guanabara, para o Planalto". Este o ponto de vista do jornalista Luiz Gutenberg, editor do Semanário José, alagoano de nascimento e brasileiro já há 10 anos. Ele considera Brasília "sede do Poder em todos os aspectos, pois aqui é a sede do Poder Militar, que há 16 anos reina absoluto; sede da tecnocracia, isto é, dos técnicos que conseguiram envolver os militares, transformando-os em principais instrumentos de ação administrativa e política; e capital econômica, na medida em que todas as decisões do Governo Federal para a área são iniciadas aqui mesmo".

Segundo Gutenberg, "pode-se dizer que a única fonte real de poder econômico brasileiro sem sede em Brasília é o Bradesco que se dá ao luxo de ter capital própria, na Cidade de Deus, de onde chega a surpreender Brasília com as suas comunicações". Ao observar que, também nos Estados Unidos, os grandes conglomerados financeiros têm sede fora da capital, localizando-se sobretudo, em San Francisco e em Nova Iorque, o editor de José postula que Brasília não precisa abrigar as Confederações Nacionais da Indústria, do Comércio ou da Agricultura, alegando que "esse negócio de opinião do empresariado brasileiro é mentirinha carioca, pois as três sempre foram mais pelegas do que os sindicatos mais pelegos do país e, portanto, estão aí para receber ordens do Governo".

Ele garante que "as estatais da Avenida Rio Branco também não fazem a menor falta em Brasília porque não têm nenhum poder de decisão". Abre um parêntesis para a Petrobrás, mas, logo em seguida, afirma que "aqui brinca-se muito de mandar na Petrobrás, e, no dia em que houver um Ministro das Minas e Energia que queira mandar, vai mandar mesmo, como no tempo do Geisel. E por que trazer para cá os escritórios? Seria asneira, porque a capital não é para se preocupar com detalhes. Aqui não tem que ter escritórios de projetos. Deixa lá. O almirantado, por exemplo, tem sede no Rio, mas a orientação política parte do Ministro da Marinha, que tem assento na Esplanada".

ENTREVISTA

CB - O que faz Brasília tão mais poderosa do que todos os outros centros nacionais juntos?

Gutenberg - "As razões para Brasília ser a capital do Poder são de ordem institucional e prática, funcional, ou seja, da definição política de capital ocorrida a 21 de março de 1960, temos hoje a integração real dos poderes da República no Planalto Central, funcionando a cidade realmente como centro de decisões nacionais. O Rio demorou um pouco para perder sua hegemonia, mas hoje, realmente, é uma cidade que governa apenas boatos, enquanto São Paulo, que é a caixa de repercussão das decisões nacionais, aceita e até industrializa o fato de o Poder ter se deslocado da Guanabara para o Planalto. Ela também é um ponto neutro, onde o provincianismo clássico do paulista se dilui no provincianismo nacional. Na concorrência com os nordestinos, com os gaúchos, os paulistas até conseguem ostentar a superioridade da sua excepcional condição econômica, que compra tudo.

Brasília é a sede do Poder em todos os aspectos, pois aqui é a sede do Poder Militar, que há 16 anos reina absoluto; sede da tecnocracia, isto é, dos técnicos que conseguiram envolver os militares, transformando-se em seus principais instrumentos de ação administrativa e política; e capital econômica, na medida em que todas as decisões do Governo Federal para a área são iniciadas aqui mesmo. Pode-se dizer que a única fonte real de Poder Econômico brasileiro sem sede em Brasília é o Bradesco, que se dá ao luxo de ter capital própria, a Cidade de Deus, de onde chega a surpreender Brasília com as suas comunicações. Bas-

ta dizer que, na mudança de sua presidência para Lázaro Brandão, o Ministro da Fazenda e o presidente do Banco Central apenas imaginavam que alguma coisa ia acontecer por lá e que Lázaro devia ter alguma importância. Então, só falta o Bradesco passar a se reunir aqui em Brasília".

CB - Então, não existem entraves à operacionalização do Poder?

Gutenberg - "Existem. Brasília se ressent de uma certa seriedade para a execução do que legalmente seria a sua função de capital federal. Por mais que as pessoas se recusem a aceitar, o Brasil é um país tropical, tropicalista, que vive sob o absurdo em relação às regras da sociedade Ocidental, europeia, anglo-saxônica, socialista. Na verdade, Brasília é a capital de um país absurdamente tropical, de um país que pode dispor de um fantástico potencial, que pode gastá-lo perdulantemente e principalmente exercitar, todas as formas de desvario, certo de que o futuro resgatará quaisquer equívocos. Essa ideia de que todos os erros podem ser cometidos é realmente a marca principal de Brasília, que é uma cidade fundamentalmente irresponsável, onde algumas das funções mais importantes estão nas mãos de pessoas incompetentes, e tudo bem.

Vejam os: o general Golbery, um homem extraordinário, uma inteligência respeitável, irrefutável até para seus adversários, sobre o qual se pode fazer um julgamento de opinião, mas nunca um juízo essencial de suas qualidades e de sua enorme capacidade de articulação. Quem são os assessores, os pesquisadores que estão com ele? E uma gente extremamente simples, pessoas certamente honradas, mas seguramente desconhecidas. Nunca ninguém fala com a equipe do Golbery, mas com ele, o que é fantástico, porque ele é o principal auxiliar do Presidente. Agora veja o Heitor Ferreira. Ele precisaria ter um batalhão de assessores em qualquer outro lugar do mundo. Mas é só ele, um ajudante operacional, uma secretária e mais ninguém. Se ele tiver uma equipe, deve ser de pessoas secundárias, o que é realmente incrível.

Agora, se você fizer uma enquete sobre o ministério e seus colaboradores, a coisa é catastrófica. O que tem de pessoas incompetentes em funções importantes, porque parente, porque amigos, porque recomendados de fulano e sicrano, é inacreditável. Brasília é realmente uma cidade de maior incompetência, uma cidade moderna feita para ser uma espécie de ninho de cobras e na verdade é um ninho de minhocas".

CB - Qual a consequência disso?

Gutenberg - "Isso faz com que realmente Brasília seja uma cidade tropical, que pratica o tropicalismo. É uma cidade colorida, de formas fantásticas, de uma graça sem medidas, apesar dessa concentração de gente incompetentíssima nos escadões inferiores. Mas eu vivo bem, me divirto. Como fiel devoto de Mário de Andrade, estou preparado para conviver com a realidade tropicalista de Brasília sem susto. Então, não me espantam essas presepadadas da cidade, os restaurantes, os clubes, as recepções.

Por outro lado, a diplomacia de Brasília é uma coisa sensacional, que não existe em nenhuma outra cidade do mundo, por causa do magnífico caráter tropical, o que evidencia e acentua o Poder de Brasília. O Rio, por exemplo, era muito menos capital do que Brasília, porque era uma corte que se eximia de assumir as responsabilidades nacionais, já que podia diluir tudo, até pelas suas favelas coloridas, pitorescas. Em Brasília, a migração deu em um regime que, em tese, poderia ser visto como base de uma futura revolução social. A pressão populacional em toda a cidade, de pessoas sem trabalho, vivendo na promiscuidade, na miséria, é impressionante. No Rio, as favelas se diluem, enquanto, em Brasília, tem a capital e, inteiramente dissociada dela, das pessoas de renda per capita de oito a dez mil dólares, tem a Ceilândia, que é a pressão, que é separada da cidade, que é miserável, sem poesia, sem samba, sem nada. É o retrato da desigualdade social do Brasil.

A capital federal não se

mistura, não tem aquele negócio de assaltante que mora na Cruzada (de São Sebastião) ser teu vizinho de Leblon, não tem aquele negócio de você tomar o mesmo ônibus que o marginal da Rocinha. Aqui é separado, eu, pessoalmente, nunca fui à Ceilândia. No Rio, você mora junto, passa dentro da favela e usa o mesmo botequim para comprar cigarro e cerveja."

CB - Considera a cidade distancada do Brasil?

Gutenberg - "Brasília é o centro do Poder na medida em que é a força, é a economia, é a República convivendo com as pressões da realidade nacional. Então, a ideia de que ela é uma cidade falsa, distancada da realidade nacional, é equivocada, porque Brasília sofre mais do que nenhum outro centro urbano essas pressões. Em que cidade brasileira a comunidade de informações poderia ter a preminência que tem em Brasília? Os serviços secretos podem fiscalizar a vida de todo mundo e, se a comunidade está no poder no Brasil, ela está no poder em Brasília. Tudo está funcionando, e isso tudo é importante, pois a realidade nacional é esta. São Paulo tem uma pujança econômica que não é brasileira e, no Rio, nem a malandragem carioca, nem o Golden Room são representativos do país. Brasília é diferente, até pelos coeficientes de miséria que temos.

O Paulo Maluf, por exemplo, está em Brasília, na Muralha, na casa alugada pela Dinah Silveira de Queiroz ao Governo do Estado de São Paulo, porque as demonstrações mais eficazes de poder de coordenação política e de sonhos dele es-



Gutenberg: também "um ninho de minhocas"

tão aqui. Onde é que o fenômeno Jânio Quadros foi detectado e analisado? Em Brasília. Quando os próprios paulistas perceberem, quem frequenta o Planalto já sabia que o Governo tinha apostado no ex-Presidente. O episódio mais recente é o do Partido Comunista, mostrando que as coisas acontecem no Rio e São Paulo, mas as decisões partem daqui. A própria repressão é um exemplo do que se pode em Brasília. Decide-se aqui e aplica-se fora. Brasília deu o apito para que ela fosse acionada, fora daqui, e apitou de novo em 1975, para cortá-la".

CB - Como vê o papel da Imprensa de Brasília?

Gutenberg - "Assim como o Poder é tropicalista, a Imprensa também é tropicalista, a observação também é tropicalista. Não pensem que esse fenômeno sociológico, esse carnaval, dispensa que a Imprensa seja também carnavalesca, tropicalista. O jornalista não chega a Brasília e assume uma atitude diferenciada, de observador ativo, discreto, técnico. Em Brasília, nem o correspondente do Times de Londres se comportaria de forma equidistante. O presidente do Clube dos Corres-

pondentes Estrangeiros, um alemão da DPA, ultragermânico, de uma agência seriíssima, chamado Kurt, envolveu-se até em corretagem de jogos da antiga CBD e viajava nas comitivas do Governo Médici, coisa que Imprensa estrangeira recusa. Ele não era um picareta. A Imprensa de Brasília é envolvida, o que não é negativo, porque é realista. A informação de Brasília é conivente com a cidade e expressa seu clima. Aqui não tem informação grave. As pessoas que vieram reformar o mundo em Brasília, ou se adaptaram, ou foram embora.

O Correio Braziliense é o meu jornal, é o jornal da cidade, eu estou com ele, porque ele reflete Brasília, nem mais nem menos".

CB - Considera Brasília uma cidade angustiada?

Gutenberg - "Brasília só é uma cidade angustiada na medida em que as pessoas têm ligações fora dela. Quando as pessoas realizam aqui o seu exercício profissional, a cidade é tranqüila. O que falta é o mar e a montanha que são coisas poéticas, absurdas. Não temos Ipanema nem Petrópolis, mas Brasília criou coisas importantes, como um novo conceito de quintal, que não é a parte dos fundos - e sim o lugar mais importante da casa. Brasília aboliu do cerimonial brasileiro o fraque e a cartola. O máximo que se vê nas recepções do Itamarati é smoking. Se Brasília fosse fraca, adotaria essas formalidades todas. Brasília é tão informal que se vê mulher de calças compridas até no Palácio do Planalto. O Poder realmente se faz aqui, as pessoas caem em desgraça aqui, inclusive general e tecnocrata. A própria Universidade, como se temia, é um centro de ativismo. Está lá a direita mais extrema, representada pelo reitor, e a esquerda mais radical, com MR-8, PC e tudo quanto se tiver que convocar, já está todo mundo aqui. Não é uma cidade artificial, sem amostragem.

Mesmo a cultura brasileira já é administrada em Brasília, pois aqui estão o poder institucional da censura e o poder real da liberação do dinheiro.

A sociedade de Brasília é que é ridícula, com uma porção de gente querendo fazer sucesso pessoal, o que é um equívoco. Aqui não é para se ter uma sociedade badalativa porque é outro tipo de humor. Se quiser copiar, não dá. E como Washington - capital voluntária, na definição de Severo Gomes - que espelha os padrões provincianos dos Estados Unidos. Washington foi a capital da guerra, enquanto Nova Iorque, capital do mundo, foi a capital do movimento contra a guerra do Vietnã. O Piauí manda mais em Brasília do que em Teresina. Não tem mais ministro, mas o que tem de piauiense em postos importantes é incrível".

CB - Você transferiria as estatais sediadas no Rio para Brasília? Acha que falta representação do empresariado na capital?

Gutenberg - "As estatais da Avenida Rio Branco não fazem a menor falta em Brasília porque não têm nenhum poder de decisão. Talvez a Petrobrás, mas manda-se aqui muito na Petrobrás e, no dia em que houver um ministro das Minas e Energia que queira mandar, vai mandar mesmo, como no tempo do Geisel. E por que trazer para cá os escritórios? Seria asneira, porque a capital não é para se preocupar com detalhes. Aqui não tem que ter escritórios de projetos. Deixa lá. O almirantado, por exemplo, tem sede no Rio, mas a orientação política parte do Ministro da Marinha, que trabalha na Esplanada.

Representação do empresariado não faz falta. A Confederação Nacional da Indústria não tem opinião. Quem tem opinião é o Governo, que chama e manda fazer. Agora é que o empre-

sariado vai poder ter opinião, porque, na verdade, nunca teve. Esse negócio de opinião do empresariado brasileiro é mentirinha carioca, pois as três - CNI, CNC e CNA - sempre foram mais pelegas do que os sindicatos mais pelegos do país e, portanto, estão aí para receber ordens do Governo. O máximo que o Governo permite é que entre eles haja uma ação entre amigos. Mas, na hora da onça beber água, a decisão é do Governo. Exemplo: vocês vão financiar a campanha do Dia da Pátria, vão dar tantos milhões.

O que pesa mesmo é o grande empresário, tipo Volks, Mercedes, Bradesco, Itaú, Nacional. Em síntese, Anfavea e Fiesp, vindo aqui, têm muito mais importância do que se elas se mudarem para cá. Elas não precisam se transferir porque são órgãos locais. A Anfavea tinha que ter no máximo uma sucursal em Belo Horizonte, por causa da Fiat".

CB - Como é que você veio para Brasília?

Gutenberg - "Eu vim para Brasília como editor-assistente de Veja. Não me vulgarizei em Brasília, não me deixei cair na vala comum e vivo bem com a cidade. Não tenho fantasias, aceito-a como ela é. Convivo bem com tudo, inclusive com a cafonália, com os móveis de estilo falso-vitoriano de casas de ministros, e isso é importante para compreender a capital do Poder. Aqui todos ficam fiéis às suas origens. O gaúcho assa carne, toma chimarrão, em vez de se acariocar.

Brasília deu nova alma à CNBB, que antes era diluída. Brasília legitima-se por si própria como o Poder no Brasil a partir daquela teoria sórdida do Chico Campos, adotada em 37. Brasília reflete a tendência autoritária brasileira, usurpadora e caudillesca. Brasília é o Poder".

Roupa Jovem?

FOFI

Mania de vender barato.